

O EXAME FÍSICO E O ENFERMEIRO DE UTI

Miako Kimura*

Ana Maria Kazue Miyadahira*

Diná de Almeida Lopes Monteiro da Cruz**

Edna Ikumi Umabayashi Takahashi*

Katia Grillo Padilha*

Regina Marcia Cardoso de Sousa**

KIMURA, M. et al. O exame físico e o enfermeiro de UTI. *Rev. Esc. Enf. USP*, v.28, n.2, p. 156-70, ago. 1994.

Trata-se de um estudo realizado junto a 26 enfermeiros de UTI que teve como objetivos caracterizar a periodicidade de realização dos itens componentes do exame físico, identificar em que momento o seu aprendizado foi mais significativo e levantar a opinião dos enfermeiros sobre a fase adequada para o seu ensino. Os dados foram coletados mediante questionários enviados aos enfermeiros egressos dos Cursos de Especialização em Enfermagem em Cuidados Intensivos oferecidos pela Escola de Enfermagem da USP e que, na época da coleta de dados, trabalhavam em UTI. Os resultados permitiram concluir que de 45 itens apresentados, 31 (68,9%) eram realizados frequentemente por mais de 50% dos enfermeiros. A prática profissional foi considerada como o momento mais importante para o aprendizado do exame físico. Quanto à responsabilidade pelo seu ensino, constatou-se que 69,2% dos enfermeiros atribuíram-na ao curso de graduação.

UNITERMO: UTI — exame físico — ensino de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

Na unidade de Terapia Intensiva (UTI) a avaliação do paciente pelo enfermeiro assume fundamental importância tendo em vista que o objetivo principal do cuidado intensivo é a manutenção das funções vitais. O paciente apresenta, frequentemente, diferentes graus de comprometimento físico, que exigem do enfermeiro aguçada capacidade de observação, a fim de identificar e controlar precocemente qualquer instabilidade fisiológica.

Tais características da assistência em UTI requerem deste profissional competência para o levantamento de dados do paciente, bem como habilidade

* Enfermeira. Doutor do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP.

** Enfermeira. Assistente Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP

para tomar decisões frente a cada situação. A obtenção de dados envolve tanto técnicas de entrevista quanto de exame físico.

Nos últimos anos tem-se observado interesse crescente em consolidar a realização do exame físico como atividade própria do enfermeiro. Já na década de 70, autores como MORGAN; BATES (1971); BATES; LYNAUGH (1973, 1975) e JACKSON; MANTLE (1977) ressaltavam a importância dessa atividade na ampliação de papéis na prática da enfermagem. Enfatizavam a necessidade de desenvolver nos profissionais habilidades necessárias à sua implementação.

Em nosso meio, HORTA (1968) foi uma das pioneiras na proposição de um roteiro de exame físico a ser realizado pelo enfermeiro, procurando sistematizar a observação do profissional na identificação dos problemas de enfermagem na área física.

Os cursos de graduação em enfermagem vêm, desde então, incorporando o exame físico em seus conteúdos de ensino. Trabalhos e discussões em eventos científicos têm sido realizados em torno desse tema, possibilitando maior reflexão sobre a importância do exame físico na qualificação da assistência de enfermagem.

Porém, apesar do tempo decorrido e dos esforços empreendidos, o que se pode observar é que ainda existem questionamentos a respeito da delimitação e da especificidade da coleta de dados em enfermagem. Um dos aspectos ainda não claramente definidos refere-se ao conteúdo necessário e suficiente para uma efetiva avaliação de enfermagem. Tal indefinição tem dificultado o direcionamento do ensino e da prática de uma avaliação mais voltada para o foco de ação específico de enfermagem.

Acreditando que a assistência de enfermagem em áreas específicas estabeleça demandas também específicas quanto ao conteúdo do exame físico, considera-se que a identificação dos itens componentes do exame físico que as enfermeiras têm realizado em UTI e de suas opiniões quanto ao ensino desses componentes trarão elementos que poderão ser úteis na formação de novos profissionais e nas discussões acerca do assunto.

Diante do exposto, este estudo tem os seguintes objetivos:

- Caracterizar a periodicidade de realização dos componentes do exame físico pelos enfermeiros de UTI.
- Identificar a opinião dos enfermeiros de UTI quanto a fase de formação mais adequada para o ensino dos itens do exame físico.
- Identificar em que momento o aprendizado sobre o exame físico foi mais significativo para os enfermeiros de UTI.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado junto a enfermeiros egressos dos oito Cursos de Especialização em Enfermagem em Cuidados Intensivos oferecidos pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo no período de 1982 a 1991 e que, na época da coleta dos dados estavam trabalhando em UTI.

A coleta de dados foi realizada pelas autoras durante o primeiro semestre de 1992. Foi elaborado um questionário (ANEXO I), previamente testado, contendo duas partes: uma referente a dados pessoais do profissional e a caracterização do seu local de trabalho; a outra referia-se às informações específicas do estudo. Cada questionário foi acompanhado de uma carta esclarecendo a finalidade do estudo e de envelope selado para devolução.

A listagem de itens componentes do exame físico apresentada no instrumento de coleta de dados foi elaborada com base no trabalho de COLWELL; SMITH (1985); foram feitas algumas adaptações na relação original, a fim de se obter uma composição de exame físico geral que mais se aproximasse daquela praticada em nosso meio.

Cumpre esclarecer que os aspectos relativos à contribuição dos diferentes itens para as condutas de enfermagem e às barreiras ou dificuldades para a sua realização, também incluídos no instrumento de coleta de dados do presente estudo, deverão ser analisados em trabalho subsequente.

Do total de 116 enfermeiros que concluíram os referidos cursos, obteve-se previamente a informação de que 43 não mais atuavam em UTI. Assim sendo, foram enviados 73 questionários. Destes, 42 retornaram, sendo 26 questionários respondidos, 11 com a informação de que esses enfermeiros não trabalhavam mais em UTI e 05 com a informação de destinatário não localizado. Portanto para o cálculo de percentuais foi considerado o total de 26 respondentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 *Caracterização da população*

A população do presente estudo foi constituída de 26 enfermeiros de UTI. Caracterizou-se como sendo predominantemente do sexo feminino (92,2%). A idade variou de 24 a 41 anos encontrando-se a maioria da população (53,8%) na faixa de 24 até 30 anos.

Considerando as informações relativas ao tempo de formatura e de trabalho desta população verificou-se que a maior parte dos enfermeiros está formada e trabalha em UTI de 5 a 10 anos, (52,0% e 56,0%, respectivamente). Por se tratar de uma população predominantemente jovem, justificam-se os percentuais obtidos na faixa de 2 a 5 anos tanto para o tempo de formatura (19,3%) quanto para o tempo de trabalho em UTI (30,8%). Em relação a esta última variável, encontrou-se apenas um enfermeira com mais de quinze anos de formada.

Quanto à caracterização dos locais de trabalho pôde-se verificar que a população do estudo encontrava-se trabalhando principalmente em UTIs gerais (65,4%). Dos enfermeiros que trabalhavam em UTIs gerais, 46,2% atuavam exclusivamente com pacientes adultos e 19,2% em locais que atendiam tanto crianças como adultos. Quanto ao tipo de atendimento, indepen-

dente da UTI ser geral ou especializada, pôde-se constatar que a maioria trabalhava em locais que assistiam tanto a pacientes clínicos quanto a cirúrgicos.

Do total possível de respostas 2% foram deixados em branco.

3.2 Realização dos itens componentes do exame físico

Para a análise da frequência de realização dos itens componentes do exame físico, solicitou-se aos enfermeiros que indicassem se cada item é realizado *freqüentemente*, *esporadicamente* ou *nunca*.

A seguir serão apresentados os resultados considerando a periodicidade com que os itens do exame físico eram realizados por, no mínimo, 50% dos respondentes. Inicialmente serão apresentados os itens que eram realizados *freqüentemente* e a seguir os que eram realizados *esporadicamente*. Como não houve nenhum item que mais de 50% dos enfermeiros tenha indicado como *nunca* realizado, serão discutidos, nessa categoria, os itens que tiveram maiores freqüências.

Ressalta-se que os percentuais foram calculados tendo por base o total de respondentes (N = 26).

QUADRO I - Itens componentes do exame físico realizados freqüentemente pelos enfermeiros. São Paulo, 1992.

Itens	N	%
Respiração - frequência	25	96,2
Respiração - ritmo	25	96,2
Pulso arterial - ritmo	25	96,2
Nível de consciência	25	96,2
Membros - perfusão periférica	25	96,2
Pulso arterial - frequência	24	92,3
Pressão arterial -	24	92,3
Pele e fâneros - integridade	24	92,3
Pele e fâneros - coloração	24	92,3
Pesquisa de edema	24	92,3
Abdômen - ruídos hidroaéreos	24	92,3
Temperatura	23	88,5
Pele e fâneros - turgor	23	88,5
Respiração - ruídos (ausculta)	22	84,6
Pressão venosa central	22	84,6
Cabeça - olhos	22	84,6
Abdômen - conformação	22	84,6
Membros - mobilidade	22	84,6
Respiração - amplitude	21	80,8
Membros - sensibilidade	21	80,8
Respiração - simetria	20	76,9
Ausculta cardíaca - frequência	20	76,9
Exame pupilar	20	76,9
Cabeça - cavidade oral	20	76,9

QUADRO I - Itens componentes do exame físico realizados frequentemente pelos enfermeiros. São Paulo, 1992.

Itens	N	%
Membros - rede vascular	20	76,9
Ausculata cardíaca - ritmo	19	73,1
Genitália	18	69,2
Pressão arterial média	15	57,7
Tórax - conformação	15	57,7
Pescoço - veias jugulares	14	53,8
Membros - musculatura	14	53,8

No total de 45 itens componentes do exame físico apresentados aos enfermeiros, 31 (68,9%) eram realizados *frequentemente* por mais de 50% deles.

COLWELL; SMITH (1985), em estudo semelhante com enfermeiras de setores clínicos, encontraram que apenas cerca de um terço do total de trinta e seis itens do exame físico eram realizados diariamente por mais de 50% destas enfermeiras.

O primeiro aspecto que se pode analisar no QUADRO I é que nenhum item do exame físico é realizado frequentemente por todos os enfermeiros deste estudo.

BATES (1982) divide o conteúdo do exame físico no seu livro de *Prope-dêutica Médica* nas seguintes áreas: pele, cabeça e pescoço; tórax e pulmões; sistema cardiovascular; mamas e axilas; abdome; genitais; ânus, reto e próstata; sistema vascular periférico; sistema músculo-esquelético e sistema nervoso. Utilizando essas áreas como referência pode-se dizer que apenas as áreas referentes a mamas/ axilas e a ânus/ reto/ próstata não têm nenhum item contemplado pelos resultados no QUADRO I.

Faz-se necessário ressaltar que os itens referentes a essas áreas, embora sejam realizados frequentemente ou esporadicamente por número expressivo de enfermeiros, não foram citados pela maioria absoluta dos respondentes. Portanto, pode-se afirmar que, excetuando-se essas áreas, a maioria da população estudada realiza frequentemente itens do exame físico relacionados a todas as demais áreas.

No QUADRO I figuram, com maior frequência (96,2%), itens relacionados ao risco iminente de vida ou a funções vitais básicas: respiratória, cardiovascular e neurológica. Essa relação pode justificar o fato desses itens serem realizados pela quase totalidade dos enfermeiros do estudo.

É interessante observar que dentre os diferentes aspectos da respiração os enfermeiros parecem valorizar mais características como a frequência e o ritmo (96,2%), do que a presença de ruídos 84,6% a amplitude (80,8%) e a simetria (76,4%). Seriam estes dados menos significativos no contexto de avaliação respiratória dos pacientes de UTI?

Observa-se também uma dissociação entre a obtenção do ritmo e frequência cardíacos pela palpação do pulso e pela ausculata cardíaca, esta menos utilizada do que aquela pelos enfermeiros deste estudo. Verifica-se assim, que

apesar de constarem entre os itens frequentemente realizados pelos enfermeiros, a ausculta tem sido menos utilizada no que se refere à avaliação pulmonar e cardíaca. Já quanto à ausculta abdominal (pesquisa de ruídos hidroaéreos) a quase totalidade dos enfermeiros (92,3%), informou realizá-la.

Estes dados contrapõem-se aos obtidos por COLWELL; SMITH (1985), em estudo onde enfermeiras de unidades clínicas informaram utilizar diariamente muito mais a técnica de ausculta do que a de palpação.

QUADRO II - Itens do exame físico realizados esporadicamente pelos enfermeiros. São Paulo, 1992.

Itens	N	%
Altura	15	57,7
Cabeça - orofaringe	15	57,7
Pescoço - pulso carotídeo	15	57,7
Cabeça - ouvidos	14	53,8
Cabeça - cavidade nasal	14	53,8

Dentre os itens *esporadicamente* realizados incluem-se a avaliação de orofaringe, ouvidos e cavidade nasal. Esses itens surgiram no estudo de COLWELL; SMITH (1985) como *nunca* realizados num percentual bastante expressivo (49%). Os resultados encontrados parecem indicar que a avaliação dessas cavidades é realizada em situações mais específicas talvez quando outros indicadores apontem sua necessidade. No presente estudo como item *esporadicamente* realizado destaca-se ainda a altura, que por ser um dado estável no adulto pode ser obtida pela informação do paciente, além de ser uma técnica de difícil realização em UTI pela própria condição física da clientela aí assistida. Em relação ao pulso carotídeo, pode-se justificar a sua realização esporádica, por este ser um dos vários locais para verificação do pulso e nem sempre o mais usual.

Ressalta-se que neste estudo nenhum dos itens relacionados foi citado como *nunca* realizado por mais de 50% dos enfermeiros. Dentre os itens assim mencionados por menos do que 50% deles, destacaram-se os seguintes: pressão intracraniana (38,5%), altura (26,9%), linfonodos (23,1%), mamas (19,2%), pesquisa de estruturas internas (19,2%) e exame das articulações (19,2%).

Além dos 45 itens do exame físico relacionados no instrumento proposto possibilitou-se a inclusão de outros pelos enfermeiros. Analisando-se a totalidade das sugestões apresentadas considerou-se que apenas duas eram pertinentes (amplitude de pulso e avaliação da fontanela), pois os sugeridos (lesões cutâneas e cianose, prótese dentária, acuidade visual e auditiva e simetria de tórax) encontravam-se já contemplados no instrumento. Foram ainda sugeridos pelos enfermeiros, itens relativos às drenagens gástricas, torácicas, urinárias, incisivais e a outras medidas diagnósticas e terapêuticas.

Essa diversidade de sugestões retrata a dificuldade de se estabelecer limites bem definidos entre o que deve ou não ser incluído no exame físico. Não se pode perder de vista que ele é apenas uma das formas de obtenção de

dados para a análise das condições físicas do paciente. Devem ser consideradas outras fontes de igual importância como entrevista, exames laboratoriais, relatórios de outros profissionais e a observação dos artefatos e procedimentos terapêuticos utilizados na assistência ao paciente.

BATES (1982) afirma que há necessidade de outros achados clínicos e exames laboratoriais para uma abordagem relativamente abrangente dos pacientes. Essa mesma autora considera ainda que não existe nenhum exame físico adequado claramente definido e que para torná-lo mais completo deve-se direcioná-lo para os aspectos específicos de cada paciente tais como idade, sexo e sintomas. Reconhece-se também que os próprios achados no exame físico de um paciente podem apontar para a necessidade de maior exploração das alterações.

Pode-se dizer que os resultados obtidos no presente estudo, dão indícios de que os itens *frequentemente* realizados pela maioria dos enfermeiros de UTI caracterizam de certa forma, o exame físico mais genérico do paciente crítico. No entanto, as especificidades deste exame podem estar presentes nos itens que surgiram em menor frequência ou que se destacaram como *espontaneamente* ou *nunca* realizados.

c. Ensino do exame físico

Quanto ao ensino dos itens do exame físico, verificou-se que a totalidade deles (45 itens) foi citada como sendo de responsabilidade dos cursos de graduação por, no mínimo, 69,2% dos enfermeiros. Cabe ressaltar que os itens: avaliação do ritmo cardíaco pela ausculta e da pressão intracraniana foram os que apareceram com menor percentual de indicação para ensino nesse nível.

Em nível de pós-graduação "sensu stricto" não foi atribuída qualquer responsabilidade pelo ensino do exame físico. Entretanto, constatou-se que do total de 45 itens, 27 receberam indicação de que o seu ensino fosse de responsabilidade de cursos de atualização e especialização, caracterizados no presente trabalho como cursos extracurriculares.

O QUADRO III especifica os 9 itens que receberam, no mínimo, cinco indicações para o ensino nesse nível.

QUADRO III - Itens do exame físico cuja responsabilidade pelo ensino foi atribuída aos cursos extracurriculares (atualização e especialização). São Paulo, 1992.

Itens	N	%
Pressão intracraniana	12	46,2
Respiração - ruídos (ausculta)	10	38,5
Abdômen - pesquisa de estruturas internas	10	38,5
Ausculta cardíaca - ritmo	9	34,6
Ausculta cardíaca - frequência	7	26,9
Nível de consciência	6	23,1
Exame pupilar	5	19,2
Abdômen - pesquisa de ascite	5	19,2
Pescoço - linfonodos	5	19,2

Considerando o exame físico como a base para o desenvolvimento da atividade clínica do enfermeiro, reiteram-se os resultados encontrados no presente estudo quanto à responsabilidade dos cursos de graduação no ensino deste conteúdo.

Em estudo junto a educadores de enfermagem, SOLOMON (1990) verificou que existe concordância no fato de que as habilidades para a avaliação física são a base para o processo de enfermagem e devem portanto, ser introduzidas precocemente durante a graduação.

A definição do momento apropriado para iniciar o ensino do exame físico não suscita muitas divergências. Porém, persistem dúvidas relativas tanto à organização e progressão do conteúdo no decorrer da graduação, quanto à sua continuidade e aprofundamento em cursos extracurriculares. Corroborando essa situação os dados do QUADRO III mostram que existem enfermeiros que atribuem a responsabilidade do ensino de alguns itens do exame físico aos cursos extracurriculares. Torna-se difícil analisar possíveis justificativas para essas respostas diante da multiplicidade de fatores a serem considerados quando se trata de determinar a localização do ensino de cada item do exame físico.

O entendimento dos respondentes sobre quais sejam as finalidades dos cursos nos diferentes níveis pode ser um dos fatores que interferem nessa determinação. Outros fatores poderiam estar relacionados à prática profissional de cada pessoa ou grupo. Entre esses fatores incluem-se: a especificidade da clientela atendida, a percepção de lacunas no conhecimento e experiência já adquiridos e a utilidade dos dados obtidos com o exame físico para a prática profissional.

Esses aspectos certamente não esgotam todas as possibilidades de análise mesmo porque a percepção da complexidade das técnicas envolvidas no exame físico e a atribuição de significado aos dados obtidos passa necessariamente por questões de ordem individual, sobretudo motivação para o desenvolvimento profissional.

Em resumo, não há dúvidas de que o ensino do exame físico deva ser feito na graduação e de que não existe consenso no que se refere a abrangência do conteúdo desse ensino a esse nível e o que deveria ser destinado a outros níveis de formação. No entanto a efetividade do aprendizado ao nível de graduação pode ser questionado pelos dados da TABELA 1 que mostram em que momento o mesmo ocorreu para os enfermeiros participantes deste estudo.

TABELA 1 - Momentos de maior significado para os enfermeiros no aprendizado do exame físico. São Paulo, 1992.

Momentos	N		%
Prática profissional	11	32,3%	
Cursos extracurriculares	9	26,5%	52,9%
Treinamento institucional	7	20,6%	47,1%
Curso de graduação	7	20,6%	
TOTAL	34	100,0%	

Pela TABELA 1 verifica-se que 32,3% das respostas recaíram sobre o aprendizado do exame físico na prática profissional, sendo indicados os cursos extracurriculares por 26,5% das respostas. Ainda, o treinamento institucional e o curso de graduação foram apontados por 20,6% das respostas, como momentos de aprendizado do exame físico.

Conforme já mencionado, a responsabilidade pelo ensino de todos os itens do exame físico foi atribuída aos cursos de graduação pela maioria dos enfermeiros (69,2%). Porém os dados da TABELA 1 mostram que na experiência da maioria dos enfermeiros esse não foi o momento mais significativo em que o aprendizado se deu. As respostas indicaram que a prática profissional foi o momento de maior importância, com 32,3% das respostas.

Sem ignorar as dificuldades conceituais sobre o processo ensino-aprendizagem, a continuidade na prática profissional é indiscutível, embora não seja considerada uma instância formal de ensino.

A contradição entre o que esses enfermeiros consideram que "deve ser" e a sua experiência, suscita vários questionamentos que este trabalho não pretende esclarecer, mas pontua para reflexão: o conteúdo do exame físico oferecido nos cursos de graduação não atende às demandas do exercício profissional? Ainda prevalece a idéia de que as escolas devem assumir para si a responsabilidade plena pela formação profissional?

Os dados mostram, por um lado, que o maior aprendizado ocorreu na prática profissional quando comparado ao curso de graduação. Por outro lado, agrupando-se a prática profissional com o treinamento institucional e os cursos de graduação com os extracurriculares verifica-se uma diferença entre o aprendizado adquirido na instituição de trabalho (52,9%) e na instituição de ensino (47,1%). Embora discreta, essa diferença pode indicar que quando se trata dos momentos nos quais o aprendizado é mais significativo parece ser inegável o impacto da prática profissional. Esse resultado pode ser explicado ao considerar-se que é na prática que o aprendizado se consolida e se reveste de maior significado. Apesar disso, deve-se questionar se o conteúdo do exame físico oferecido nos cursos de graduação tem atendido às demandas básicas do exercício profissional. Esse questionamento nos remete aos resultados referentes à responsabilidade do ensino do exame físico que foi atribuída principalmente aos cursos de graduação.

4 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste estudo permitiram as seguintes conclusões:

- em relação a periodicidade de realização dos itens componentes do exame físico, verificou-se que do total de 45 itens apresentados, 31 (68,9%) eram realizados *frequentemente*, 5 (11,1%) *esporadicamente*, sendo que nenhum dos itens foi citado como *nunca* realizado, considerando em todas estas frequências as respostas fornecidas por mais de 50% dos enfermeiros;

- no que se refere a fase de formação mais adequada para o ensino dos itens do exame físico, constatou-se que esta responsabilidade foi atribuída ao curso de graduação por 18 (69,2%) dos 26 enfermeiros respondentes;
- quanto ao momento mais significativo de aprendizado do exame físico, verificou-se que 32,3% das respostas dos enfermeiros recaíram sobre a prática profissional seguida pelos cursos extracurriculares, com 26,5% das respostas.

Apesar dos objetivos do presente estudo terem sido alcançados, cabe ressaltar que algumas limitações foram evidenciadas no decorrer do mesmo, mostrando a necessidade de aprofundar a análise dos fatores que foram apenas mencionados na discussão dos resultados. Além disso, deve-se considerar que o próprio tamanho da população se constituiu num fator limitante para a consideração mais genérica destas conclusões.

Esclarece-se, ainda, que este trabalho representa uma parte inicial de um estudo mais abrangente sobre a prática do exame físico pelos enfermeiros de UTI.

KIMURA, M et al. The physical assessment and the ICU nurse. *Rev. Esc. Enf. USP*, v.28, n.2, p. 156-70, aug. 1994.

The goal of this study was to analyse some practicing, teaching and learning aspects of physical examination done by ICU's nurses. It was accomplished with 26 ICU nurses that concluded the Intensive Care Nursing Specialization Course at the School of Nursing at São Paulo University. The results showed that 31 (68,9%) of the 45 presented itens were done frequently by more than 50% of the nurses. The professional practice was considered the most important moment to physical examination learning. The responsibility by teaching was attributed to undergraduation course by 69,2% of the nurses.

UNITERMS: ICU - physical examination - nursing teaching

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATES, B.; LYNAUGH, J. Laying the foundations for medical nursing practice. *Am.J.Nurs.* , v.73, n.8. p.1375-9, 1973.
- BATES, B.; LYNAUGH, J. Teaching physical assessment. *Nurs.Outlook* , v.23, n.5. p.297-302, 1975.
- BATES, B. **Propedeutica médica**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1982.
- COLWELL, C.B.; SMITH, J. Determining the use of physical assessment skills in the clinical setting. *J.Nurs.Educ.* , v.24, n.8. p.333-9, 1985.

- HORTA, W.A. **A observação sistematizada na identificação dos problemas de enfermagem em seus aspectos físicos.** Rio de Janeiro, 1968, 60p. Tese(Livre-Docência) - Escola de Enfermagem Ana Neri, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- JACKSON, B.S.; MANTLE, D.D. Teaching patient assessment: the pros & cons of clinical rounds. **J.Nurs.Educ.** , v.16, n.2, p.24-9, 1977.
- MORGAN, W.L.; BATES, B. Should nurses do physical examinations? **Ann.Int.Med.** , v.75, n.2, p.314-5, 1971.
- SOLOMON, J. Physical assessment skills in undergraduate curricula. **Nurs.Outlook** , v.38, n.4, p.194-5, 1990.

ANEXO I QUESTIONÁRIO

Nº _____

I. Dados Gerais

Idade _____ Sexo _____ Tempo de Formatura _____

Tempo de trabalho em UTI _____

Caracterização da UTI: _____ - Nº de leitos

- Tipo de atendimento: geral _____

especializado _____

- Tipo de paciente: - pediátrico _____ adulto _____

clínico _____

cirúrgico _____

II. Dados específicos

1. Dentre as alternativas abaixo indique aquela em que o seu aprendizado sobre o exame físico foi mais significativo:

_____ no decorrer do curso de graduação

_____ em curso específico, durante o treinamento na instituição

_____ em cursos extracurriculares

_____ sem curso, no decorrer da prática profissional

_____ outro _____

Justifique: _____

Responda as 4 perguntas seguintes no Quadro de Respostas em anexo de acordo com as instituições relativas a cada questão.

2. Com que frequência você realiza os itens do exame físico listados no Quadro?

Observação: para responder a esta questão procure considerar tanto o número de vezes que realiza cada item num dia como também a periodicidade que os utiliza. Empregue a legenda abaixo na coluna correspondente (2)

F - Frequentemente

E - Esporadicamente

N - Nunca

3. Quanto a realização de cada item do exame físico contribui para a determinação de condutas de enfermagem?

Observação: Utilize a legenda abaixo, na coluna correspondente (3)

M - muito

P - Pouco

N - Nada

4. Que barreiras ou dificuldades você encontra para a realização dos diferentes itens do exame físico?

Observação: Classifique conforme as alternativas apresentadas abaixo. Caso haja mais de uma opção em cada item coloque-as em ordem de prioridade, na coluna (4)

Legendas - Barreiras/ Dificuldades

A. Nenhuma

B. Falta de equipamento

C. Presença de estagiários

D. Falta de familiaridade na execução do item

E. Não é responsabilidade da enfermeira

F. Não é identificado como área problemática da clientela

G. Outros. Especifique:

G₁ _____

G₂ _____

G₃ _____

5. Em que nível da formação do enfermeiro você considera que os itens do exame físico devam ser ensinados?

Observação: Escolha a melhor alternativa levando em conta a principal responsabilidade pelo ensino do item dentre os diferentes níveis de formação. Utilizar a legenda abaixo, na coluna (5)

G - Graduação

A - Atualização

E - Especialização

PG - Pós-graduação (mestrado/doutorado)

QUADRO DE RESPOSTAS

Tópicos	freqüência (2)	contribuição p/a conduta (3)	barreiras (4)	responsabilidade e pelo ensino (5)
Itens				
Peso				
Altura				
Temperatura				
Respiração				
Freqüência				
amplitude				
ritmo				
simetria				

ruídos (ausculta)				
Pulso art. frequência ritmo outros:				
Ausculta Cardíaca frequência ritmo outros:				
P.A.				
P.A.M.				
P.V.C.				
P.I.C.				
Pele e fâneros integridade coloração turgor outros:				
Pesquisa de edema				
Nível de consciência				
Cabeça olhos ouvidos cavidade nasal cavidade oral orofaringe outros:				
Pescoço linfonodos jugulares pulso carotídeo outros:				
Tórax conformação mamas axilas outros:				
Abdômen conformação ruídos hidroaéreos pesquisa de estruturas internas				

pesquisa de ascite				
outros:				
Membros				
musculatura				
articulação				
rede vascular				
mobilidade				
sensibilidade				
perfusão				
periférica				
Genitália				
Ânus				
Outros:				
Observações:				